

ESTUDO SOBRE A ESCULTURA DE SANTA LUZIA EM MADEIRA POLICROMADA DO MUSEU DA BARONESA (PELOTAS-RS)

KETLIN VITORIA MENEGUSSE¹; ROBERTO HEIDEN²

¹ Universidade Federal de Pelotas – ketlin-mene@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – heidenroberto@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Museu Municipal Parque da Baronesa da cidade de Pelotas (RS) é de grande relevância histórica para a população local por abordar parte de suas origens e pela salvaguarda de sua memória. De acordo com Dias (2015), a sede foi construída em 1863. Em 1978, a estrutura e o terreno foram doados à cidade de Pelotas. O museu foi oficialmente inaugurado em 1982. Em 1985, teve seu edifício reconhecido como patrimônio histórico municipal. Atualmente, reúne um acervo com mais de mil peças em diversas tipologias e suportes.

Neste acervo encontram-se algumas esculturas de arte sacra, dentre as quais uma representação de Santa Luzia, conhecida como a padroeira dos olhos e da visão. Na lateral do canto inferior dessa obra, visualiza-se a assinatura do artista: Albino Pinto Rodrigues Barbosa, um nome não tão célebre. Identifica-se que ele foi conhecido como “[...] professor de desenho, retratista e pintor, pintando sobretudo sobre cerâmica ou madeira. Foi um dos pioneiros da fotografia retocada sobre porcelana e também um dos mais talentosos pintores de santos, em Portugal” (BOTELHO & PORTELA, 2010, p. 56). Informações encontradas apontam que este mesmo artista costumava trabalhar com outros artistas portugueses, dentre eles José Fernandes Caldas, cujo estilo é considerado singular, sendo reconhecido na obra de Santa Luzia, embora nessa escultura não esteja visível a assinatura do escultor.

Porém, de acordo com Botelho & Portela, esses dois artistas trabalharam conjuntamente na obra em análise, sendo evidenciado que:

[...] Na mencionada imagem de Santa Luzia, assim como naquela que se aborda em seguida – ambas executadas em 1901 e colocadas na respectiva capela em 1903 – o santeiro José Fernandes Caldas contou com a ajuda do pintor Albino Barbosa. Esta parceria não terá sido acidental, pois estão documentadas outras imagens sacras esculpidas por José Fernandes Caldas e pintadas a caráter por Albino Barbosa. (BOTELHO & PORTELA, 2010, p. 53).

Portanto, o valor histórico e artístico da representação da Santa Luzia, revela a importância da parceria entre José Caldas e Albino Barbosa. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é ressaltar a relevância da representação da santa no contexto do acervo do Museu da Baronesa e para a cidade de Pelotas-RS. Essa obra se constitui como um bem que enriquece o acervo cultural da cidade, evidenciando laços simbólicos entre Portugal e o Brasil através da arte e da religiosidade. É importante ressaltar que o nome de Santa Luzia continua a se manifestar em diversos aspectos da vida contemporânea de Pelotas, a exemplo das mídias digitais e no comércio local, além da própria fé, demonstrando a longevidade deste símbolo.

2. METODOLOGIA

Essa pesquisa foi desenvolvida junto ao projeto intitulado “Histórias sobre arte, memória e patrimônio em Pelotas-RS”. Foi realizada uma revisão bibliográfica, uma pesquisa de campo e uma breve entrevista com Annelise Montone, que atuou na gestão e direção do Museu da Baronesa de 2004 a 2018. Foram levantadas informações sobre a escultura sacra e sua importância para a cidade de Pelotas. No dia 1º de julho de 2024, foi realizada uma visita técnica ao acervo do Museu da Baronesa, temporariamente localizado nos arredores da Praça Coronel Pedro Osório, Pelotas (RS), no “Casarão nº 6”. Foi realizada documentação fotográfica da obra, discutido o seu estado de conservação e apontada a importância da realização de uma futura restauração.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a identificação dos autores da escultura, buscou-se aprofundar o conhecimento sobre as suas biografias. Em contato com a Universidade do Porto (Portugal), visto que o website dessa instituição apresenta breve biografia sobre Albino Barbosa, fomos informados de que na Biblioteca do Fundo Antigo (Universidade do Porto) não havia registros biográficos do pintor. Em contato com a produtora da nota biográfica da página “Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto”, Suzana Pacheco Barros, fomos informados sobre a escassez de fontes sobre o tema. Apesar disso, como aspectos biográficos sobre esses artistas, encontrou-se que o pintor “estudou na Academia Portuense de Belas Artes, em meados da década de 1880, sendo, portanto, da mesma geração de José Fernandes Caldas” (BOTELHO & PORTELA, 2010, p. 56). Por sua vez, descobriu-se que o escultor era “desenhador e escultor em madeira, o qual se especializou na arte de santeiro e viveu em Vila Nova de Gaia. Foi discípulo de João de Afonseca Lapa, também artista modelador, do qual se sabe ter produzido várias obras para o Brasil.” (BOTELHO & PORTELA, 2010, p. 52).

A estátua analisada por nosso estudo foi feita para a capela que o Visconde de Sousa Soares mandou construir em Pelotas. De acordo com a pesquisa que aborda o retábulo de Santa Luzia, confirma-se que:

[...] A Capela de Santa Luzia foi construída devido ao pagamento de uma promessa, José Alvares de Souza Soares que acometido de um problema de visão, ficou curado e ergueu a capela em honra à Santa Luzia. A capela foi concluída e inaugurada no dia 13 de dezembro de 1903, dia de Santa Luzia (BACHETTINI et al., 2013, p. 242).

Originalmente denominada Luzia de Siracusa, a santa representada na escultura do Museu da Baronesa foi martirizada sob o governo do imperador romano Diocleciano, no início do século IV. Ela é especialmente venerada para a cura de doenças dos olhos. É retratada vestida com túnicas e mantos de estilo romano, cabelos longos e uma coroa de flores que simboliza sua pureza. Uma das principais representações é um prato ou pequena taça com dois olhos, associados ao seu martírio e a cura de problemas de visão. Elementos que compõem sua iconografia incluem uma palma, que simboliza o seu martírio, e por vezes uma faca ou punhal, referenciando à sua decapitação. Costuma ser representada coroada e com os olhos sobre uma bandeja, o que remete ao

momento de seu martírio, quando, segundo a lenda, seus olhos foram arrancados (LORÊDO, 2002).

As figuras 1,2,3 e 4 exibem a estátua de Santa Luzia. Identifica-se uma pintura policromada, feita sobre gesso e madeira, acabamento em cores suaves e detalhes dourados. O rosto e as mãos, são em tons claros, semelhantes ao marfim. Abaixo do braço, flores brancas com um ramo de palmeira. A vestimenta principal é predominantemente branca, com detalhes dourados que adornam a capa e a túnica de estilo romano, especialmente nas bordas. A coroa de flores sobre a cabeça apresenta tons de rosa e verde, no manto pequenos detalhes em vermelho e verde. Em suas mãos, a santa carrega os olhos que lhe foram arrancados durante seu martírio. As rugosidades visíveis nas dobras da roupa, proporcionam um efeito de movimento natural. As ilustrações decorativas têm uma textura brilhante e imitam pedras preciosas. A base de sustentação imita o mármore. Sob seus pés, elementos que representam uma fogueira demarcando o momento em que ela fora queimada.



Figura 1, 2, 3 e 4: Fonte: Fotografias: Roberto Heiden (2024).

Inserida no contexto de Pelotas, Santa Luzia era um símbolo de esperança para muitos que buscavam amparo ao enfrentar problemas oculares. Sua devoção está enraizada nas tradições religiosas, especialmente entre os fiéis católicos, que organizavam celebrações anuais em sua homenagem. Nesse sentido, de acordo com Macedo & Chaves (2021), que estudaram a localização original dessa estátua antes do seu ingresso ao Museu da Baronesa, destaca-se que:

[...] Na capela, dedicada a Santa Luzia, celebraram-se casamentos e batizados da família. A procissão dedicada à sua santa padroeira, promovida por Souza Soares, movimentava a cidade, e nestas ocasiões, o templo era aberto ao público para a celebração de missa festiva. O altar da capela era composto por três imagens sacras vindas do norte de Portugal – do Cristo, de Santa Luzia, e de São Bento – todas ricamente ornamentadas com pedras preciosas (MACEDO & CHAVES, 2021, p. 133).

Esta estátua, tornou-se um símbolo religioso para muitos dos moradores de Pelotas. Além disso, o nome e o culto a Santa Luzia continuam a se manifestar de forma significativa em alguns aspectos da vida contemporânea local. Dentre eles, menciona-se a recorrência do nome da santa nas mídias digitais, através de comunidades e no comércio local, através de estabelecimentos, especialmente

ligados à saúde, à ótica e ao bem-estar. Esses empreendimentos adotam seu título como uma referência direta à tradicional associação entre a santa e a cura da visão e proteção dos olhos. Destacamos ainda a fala de Annelise Montone (2024): ela descreveu que, durante seu período à frente a administração do Museu da Baronesa, fiéis visitavam a instituição nos dias 13 de dezembro - dia da celebração da santa - para oferecimento de homenagens e preces. Ela ainda nos relata que a equipe, ao fim, retirava as oferendas, visando a prioridade em manter o museu e o local em seu estado original e organizado.

4. CONCLUSÕES

O reconhecimento da imagem de Santa Luzia como um símbolo religioso, não apenas é uma homenagem a uma determinada santa, mas também uma forma de conexão com valores religiosos e culturais locais, que se identificam com sua história e significado. Com a revisão bibliográfica feita por esse estudo, identificou-se que a colaboração entre os artistas José Caldas e Albino Barbosa resultou em uma obra que não apenas enriquece o acervo cultural da cidade, mas também indiretamente colaborou para o estabelecimento de um elo simbólico entre Portugal e o Brasil, reforçando laços históricos e culturais através da arte e da religiosidade. Ao buscarmos compreender a inserção dessa imagem no contexto pelotense, compreendeu-se que a escultura participou da perpetuação do simbolismo da santa localmente e essa influência reverbera até os dias atuais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHETTINI, Andréa Lacerda; FONSECA, Daniele Baltz da; MORAES, Fabiane Rodrigues de; SCOLARI, Keli Cristina. **O Retábulo da capela de Santa Luzia do antigo do Parque Souza Soares**. *Imagem Brasileira*, Belo Horizonte, v. 7, n. 7, p. 46-59, 2013.

BOTELHO, Rejane, PORTELA, Ana Margarida, QUEIROZ, Francisco (colab.) – **Fotos contam uma história de Portugal em Pelotas**. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária - UFPel, 2010.

CHAVES, L. P.; MACEDO, M. L. L. DE. O Parque Souza Soares (Pelotas, RS): **Espaço de representação e simbologia no enlace entre mundos**. *História em Revista*, v. 27, n. 1, 26 nov. 2021.

DIAS, F. (2014, setembro 5). **Museu da Baronesa**. **Em Pauta**. Universidade Federal de Pelotas. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/empauta/museu-da-baronesa/> (Acesso em 16 set. de 2024).

LORÊDO, W. M. **Iconografia religiosa**: dicionário prático de identificação. Rio de Janeiro: Pluri Edições, 2002.

UNIVERSIDADE DO PORTO. **Antigos estudantes ilustres - Albino Barbosa**. Sistema de Informação para a Gestão Acadêmica. Disponível em: https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20albino%20barbosa (Acesso em: 16 set. de 2024).